

## O CORPO NEGRO COMO TERRITÓRIO DE VIOLÊNCIA EM *PHEBY*, DE SADEQA JOHNSON

Igor Azevedo Bezerra (Universidade Federal do Maranhão – UFMA)<sup>1</sup>

Maria Aracy Bonfim (Universidade Federal do Maranhão – UFMA)<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo analisar as formas de violência simbólica, física e sexual exercidas sobre os corpos negros no romance *Pheby*, de Sadeqa Johnson, ambientado no contexto da escravidão nos Estados Unidos. A pesquisa parte do pressuposto de que o corpo negro é historicamente construído como objeto de dominação e exploração, como também sendo também espaço de resistência e memória além do texto literário. A fundamentação teórica baseia-se em autoras e autores como Hortense Spillers, Saidiya Hartman, Angela Davis, Frantz Fanon, Grada Kilomba e Tommy J. Curry, cujas obras refletem sobre a corporalidade negra, os traumas da escravidão e a construção social da raça e do gênero. A metodologia adotada é a análise qualitativa de base interpretativa, com enfoque nos estudos literários interdisciplinares, articulando literatura, teoria crítica e história. A leitura do romance revela que os personagens negros, especialmente Pheby e Essex Henry, têm seus corpos marcados por múltiplas formas de opressão, como o estupro, o trabalho forçado, a punição pública, o apagamento de laços familiares, mas também demonstram capacidade de ação, afetividade e estratégias de sobrevivência que ressignificam a experiência do cativo. A narrativa de Johnson (2022), ao dar voz a esses corpos silenciados, contribui para a reconstrução da memória histórica afrodescendente e para o debate contemporâneo sobre raça e gênero.

**Palavras-chave:** Corpo negro. Escravidão. Violência. Resistência. Literatura Negra Contemporânea.

### 1. INTRODUÇÃO

O papel social do romance histórico é, sem dúvidas, inquestionável: através do diálogo entre Literatura e História, surgem obras com o fito de questionar a contemporaneidade através de discursos histórico-ideológicos (re)moldados através do tempo. A partir do direcionamento discursivo ao enfoque escravagista, concernente à vivência negra durante séculos, o papel dessa modalidade de romance se faz mais que necessário, uma vez que a temática do racismo e sexismo negros se fazem pertinentes na medida em que discursos ideológicos desse feitio insistem em cumprir um papel ordinário no âmbito social, o que exige a existência de meios

---

<sup>1</sup>Mestrando em Letras pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Aracy Bonfim; Especialista em Literatura Brasileira pela Faculdade São Luís (FESL); E-mail: azevedo.igor@discente.ufma.br

<sup>2</sup> Pós-doutora em Literatura na Temple University, Filadélfia, Pensilvânia, E.U.A.; Professora no Departamento de Letras e docente permanente nos Programas de pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão – UFMA. E-mail: maria.aracy@ufma.br

que motivem à reflexão e que auxiliem na exposição desta temática, com o objetivo de deixar clara a ideia de não ser uma questão ultrapassada e que ainda precisa ser debatida por todas as ciências.

O romance *Pheby*, de Sadeqa Johnson (2022), insere-se no amplo movimento da ficção histórica afro-americana que tem buscado revisitar o passado da escravidão a fim de reinscrever experiências silenciadas na memória coletiva. Johnson (2022), através de um enredo centrado no silenciamento e na necessidade de resiliência negra diante do sistema escravagista, constrói um espaço literário em que a violência racial é narrada a partir da perspectiva dos sujeitos escravizados. Assim, através da centralidade da trama na figura de Pheby Delores Brown, filha de uma mulher escravizada e de um homem branco, bem como de seus familiares, a autora estreita os laços entre história e ficção ao expor e denunciar questões inerentes ao regime escravista, no enfoque à desumanização impostas ao corpo negro, vítima da violência física e sexual do homem branco através dos ideais de propriedade.

Nesse cenário, o presente estudo justifica-se por compreender o corpo negro como lugar de violência racial e sexual quando situado em um regime hostil, visto que a escravidão rotulou homens e mulheres africanos como meras mercadorias, ao reduzi-los a instrumentos de trabalho, de reprodução ou de prazer, através do processo de objetificação que extrapola o tempo histórico e ainda se faz permanente nas construções sociais contemporâneas. Assim, a literatura, ao narrar tais experiências, permite não apenas recuperar a memória da violência, mas também denunciar seus efeitos persistentes.

Portanto, o objetivo principal deste artigo é analisar como os corpos femininos e masculinos negros são representados no romance de Johnson (2022) através dos ideais de violência, em destaque as personagens Pheby, Ruth e Essex Henry. O corpo feminino, marcado pelo abuso sexual, pela maternidade compulsória e pelo controle dos afetos, evidencia a condição das mulheres negras como componentes do sistema escravista; já o corpo masculino, tratado como força de trabalho ou como animal de carga, experimenta o abuso sexual através das relações de poder, a negação da paternidade e a exploração contínua. No entanto, ambos encontram formas de resistência, seja nos afetos, na memória ancestral ou em gestos silenciosos de sobrevivência.

Dessa forma, a análise proposta articula literatura, história e crítica cultural, a partir de uma fundamentação teórica que inclui Hortense Spillers, Saidiya Hartman, Angela Davis, Frantz Fanon, Grada Kilomba e Tommy J. Curry, teóricos que permitem compreender a complexidade do corpo negro enquanto espaço de violência, mas também como território de resistência. Assim, ao revisitar o passado da escravidão através do enredo de Johnson (2022),

há a reinscrição, na literatura afro-americana, do testemunho dos que foram silenciados, reafirmando a necessidade de refletir, através do texto literário, acerca dos traumas deixados pela escravidão através de episódios de violência e sobre as múltiplas formas de resistência nos corpos negros.

## 2. O CORPO NEGRO E A ECONOMIA DA ESCRAVIDÃO

O processo escravagista constituiu-se, historicamente, como um processo ideológico interligado ao processo de expansão territorial e a acumulação de riquezas, sendo o marco inicial das raízes do sistema capitalista. Através da figura dominante dos proprietários de terras, houve a necessidade ideológica de assumir uma postura hostil para a exploração de mão-de-obra escrava, onde a figura do escravizado estivesse destinado a assumir um papel subalterno e sem perspectivas de avanço na pirâmide social.

É nesse cenário histórico-ideológico que a figura do negro foi reduzida à condição de mercadoria, ao estar fadado a relações de dominação, que os transformavam não somente em instrumentos de trabalho forçado, mas também em objetos de prazer e consumo. Em Hartman (2025, n.p)<sup>3</sup>, a autora corrobora com a tese de que o sistema escravista, além de ideológico, tem raízes em um sistema capitalista através do acúmulo de bens, uma vez que, “o desejo de vestir, ocupar e possuir a negritude ou o corpo negro como um recurso sentimental e/ou lócus de prazer excessivo é tanto baseado quanto possibilitado pelas relações materiais da escravidão de bens móveis”.

Através do processo mercantil de tornar escravos em propriedades, o negro assumia o papel social de ser, além de “moeda”, propriedades de violência, uma vez que grande parte da sociedade sustentava os ideais racistas e ao mesmo tempo beneficiavam-se desse processo ideológico para alavancar o sistema capitalista, em que o negro servia uma mão-de-obra gratuita ou barata nem mesmo em troca de sua liberdade. Ao compreender essa dinâmica, percebe-se que a lógica econômica e a dominação simbólica se entrelaçavam, revelando o papel da escravidão como sistema de poder que ia além das ordens do trabalho e moldava a própria existência e subjetividade das pessoas negras.

Como consequência, a condição do negro como propriedade não se restringia à exploração somente de sua força de trabalho, mas também à sua redução a objeto de satisfação

---

<sup>3</sup> Versão não paginada por se tratar de e-book, disponível em: <https://www.amazon.com.br/Cenas-sujei%C3%A7%C3%A3o-escravid%C3%A3o-cria%C3%A7%C3%A3o-Am%C3%A9rica/dp/6560000893>. Acesso em 10 nov. 2025.

dos desejos sexuais do homem branco. Entre as práticas recorrentes, destacavam-se os abusos contra mulheres negras, submetidas à violência sexual tanto como forma de prazer para os senhores quanto como estratégia de reprodução forçada. Essa lógica assegurava a ampliação do número de escravizados, já que os filhos das mulheres escravizadas herdavam a mesma condição de cativo de suas mães, perpetuando assim o ciclo de violência e exploração.

A escravidão se sustentava tanto na rotina do abuso sexual quanto no tronco e no açoite. Impulsos sexuais excessivos, existentes ou não entre os homens brancos como indivíduos, não tinham nenhuma relação com essa verdadeira institucionalização do estupro. A coerção sexual, em vez disso, era uma dimensão essencial das relações sociais entre o senhor e a escrava. Em outras palavras, o direito alegado pelos proprietários e seus agentes sobre o corpo das escravas era uma expressão direta de seu suposto direito de propriedade sobre pessoas negras como um todo. A licença para estuprar emanava da cruel dominação econômica e era por ela facilitada, como marca grotesca da escravidão. (Davis, 2016, p. 180)

A violência sexual, portanto, encaixa-se como um eixo estruturante da ordem escravista, visto que consolidava o domínio absoluto do senhor de escravos sobre o corpo das mulheres negras, o que reforça a compreensão de que a exploração sexual estava intrinsecamente ligada à lógica econômica do sistema, perpetuando, assim, no processo escravagista não somente como força de trabalho, mas também como um processo de maternidade compulsória e servindo como mecanismo desse sistema por assegurar a reprodução de gerações inteiras de pessoas escravizadas.

Quanto ao homem negro, este também era refém do sistema escravista não somente pela força de trabalho, como também por sua exploração sexual: a virilidade negra masculina foi constantemente manipulada pelo imaginário escravista, sendo o homem negro sexualizado constantemente por mulheres brancas, além de serem utilizados como “reprodutores”, forçados a manter relações sexuais para ampliar o número de escravos, reafirmando, assim, a lógica capitalista de transformar a sexualidade em ferramenta de lucro, conforme visto anteriormente.

Dessa forma, tanto mulheres quanto homens negros foram enquadrados em papéis previamente moldados por uma lógica de dominação racial e econômica, que reduzia a humanidade à condição de objeto: às mulheres, cabia o peso da maternidade compulsória e da violência sexual cotidiana, e aos homens, impulsionou-se a imagem de força bruta e de reprodutor, ao mesmo tempo em que se negava sua paternidade e dignidade através da sua sexualização. Portanto, esse entrecruzamento de opressões evidencia que o corpo negro, mais do que espaço físico, foi transformado em território de violência e de controle, a partir de sua revelação como um dos principais alicerces do sistema escravagista e, conseqüentemente, da própria formação do capitalismo moderno.

Em *Pheby*, Johnson (2022) reafirma o diálogo entre literatura e realidade ao elaborar personagens atravessados pela lógica escravista, em que o corpo negro se torna espaço de violência e de resistência, em evidência a experiência das mulheres, como Pheby e Ruth, que precisam constantemente acionar estratégias de resiliência diante de relações marcadas por abusos de diferentes ordens (afetivas, físicas e sobretudo sexuais); por outro lado, em segundo plano, a autora revela também a condição do homem negro, representado por Essex Henry, cuja virilidade é explorada e transformada em objeto de desejo por sua senhora, Delphina, demonstrando que a exploração sexual não se restringia às mulheres, mas também sobre os corpos masculinos.

Dessa forma, Johnson (2022) articula as dimensões de gênero na escravidão, apontando que tanto mulheres quanto homens negros tiveram seus corpos afetados diretamente pela lógica de dominação, ainda que de modos distintos, o que abre caminho e possibilita refletir, de um lado, sobre a sexualidade, a maternidade compulsória e o controle do corpo feminino negro, e, de outro, sobre a força, a violência e a hipersexualização do corpo masculino no sistema escravista.

### 3. O CORPO FEMININO NEGRO: maternidade compulsória e a violência sexual cotidiana

Através dos ideais de Butler (1988) acerca dos corpos como encarnação de determinada realidade histórica, infere-se que o ideal de corpo feminino negro como um lócus hiperssexualizado surge através do período escravista a partir da objetificação e mercantilização do corpo. O corpo, ao ser visto como mercadoria através do processo mercantil escravo, é visto, também, como propriedade do senhor de escravos, cabendo a ele delimitar as escolhas pessoais dos indivíduos escravizados, conforme a lógica escravista. Infere-se que o ideal de mulher, por si só, sendo esta negra ou branca, sempre foi pautado no grau de dependência e na relação de poder quanto ao sexo masculino, questão esta potencializada à figura da mulher negra, inserida em uma instância inferior. Hartman (2025) afirma que

A construção da subjetividade negra como destituída de vontade, abjeta, insaciável, dolorida, e o dispositivo instrumental da sexualidade na reprodução da propriedade e da diferença racial usurpavam a categoria do estupro. A sexualidade formava o nexo em que as condições de negra, mulher e bem móvel estavam inextricavelmente ligadas e atuavam juntas para intensificar os constrangimentos do status de escravo ao sujeitar o corpo a uma outra ordem de violações e caprichos. O exercício despótico do poder (o domínio do senhor de escravos e de todas as pessoas brancas) tornava a violência indistinguível do gozo pleno da coisa. (Hartman, 2025, n.p)

A análise de Hartman (2025) sobre a dinâmica de poder entre senhores e escravizadas encontra-se direcionado no enredo de *Pheby*: a autora evidencia que a escrava negra, mais do que qualquer outra figura feminina, foi imposta ao papel de objeto sexual diante das restrições morais impostas não somente ao casamento cristão, independente da posição social que esta ocupa, como também ao corpo negro feminino objetificado por ser uma mercadoria ao estar inserida no sistema escravista.

A perspectiva da objetificação feminina negra é materializada na trajetória de Pheby, que, embora carregue a esperança de ser poupada das violências mais brutais devido à sua condição de filha de um senhor de escravos e pelo processo de mestiçagem através dos ideais coloristas, acaba, de forma inevitável e por imposição do sistema social a qual se encontra, submetida aos abusos do Rubin Lapier, senhor de escravos da “Terra do Diabo”, para onde Pheby é enviada após a morte de sua mãe, Ruth.

É nesse cenário de promessa de ascensão social que é apresentado ao leitor um falso caminho para a liberdade: para assegurar melhores condições a si mesma e, sobretudo, ao filho que deseja proteger da escravidão, a personagem é coagida a aceitar o papel de senhora de escravos ao se unir a Lapier, traindo, portanto, Essex Henry, seu companheiro. No entanto, essa aparente oportunidade de fuga da realidade revela-se uma nova forma de cárcere, uma vez que este processo tem, como base, a subserviência de Pheby ao Lapier e é marcado pela violência sexual, que a reduz novamente à condição de corpo disponível para exploração, o que culmina na gravidez forçada como estratégia de controle e aprisionamento na ordem escravista.

A umidade da desonra se agarrou à minha pele. Eu tinha feito uma promessa de pertencer a Essex até o final dos tempos, mas acabei me entregando para outro homem. Difícil saber o que me triturava mais, se o peso do braço carnudo do Carcereiro em cima da minha barriga ou a minha traição. A cama rangeu quando me afastei do seu corpo. (...)

Monroe estava aconchegado nos braços de July, os dois deitados no colchonete dela, e decidi não os incomodar. (...) Será que o meu sacrifício seria mesmo capaz de protegê-lo? (...)

Quando me levantei, na manhã seguinte, parecia que eu havia passado a noite em uma luta de boxe. Minhas entranhas exalavam sofrimento, e meu estômago se contorcia em autodesprezo. Fiquei em pé na bacia de banho e esfreguei cada polegada da minha pele, mas eu ainda podia sentir sua respiração, seus fluidos e as marcas dos seus dedos no meu corpo. (Johnson, 2022, p. 143)

O leitor se depara, dessa forma, com uma relação não marcada pelo afeto ou pela escolha, mas por uma imposição submissa e de poder disfarçada de proteção: ao retirar Pheby dos trabalhos domésticos a partir da promessa de vida diferenciada, por obter o título de “Esposa do Mestre”, a moeda de troca é sustentada pela exploração sexual da protagonista e

pela exigência de obediência absoluta ao dono de terras, o que culmina em uma nova forma de escravidão e interliga o enredo aos ideais propostos por Hartman (2025): a figura da escrava negra como válvula de escape para os desejos masculinos, bem como um ideal de propriedade branca, em vista a comercialização escrava, onde o senhor de escravos encarna, assim, a figura do senhor que utiliza tanto a força quanto a promessa de estabilidade como instrumentos de dominação.

— Venha comigo. Por favor? — sua voz falhou, era uma súplica. De repente ele estava em pé logo atrás de mim. — Prometo que não vou te machucar. Ofereci minha mão e ele a envolveu com a sua.  
— Preciso de uma coisa antes.  
— Qualquer coisa.  
— Você precisa prometer que nunca vai mandar meu filho para longe de mim. Seus olhos se inflamaram e pousaram em mim.  
— Tudo bem.  
— E você nunca poderá se casar. Enquanto eu viver nesta prisão, sua lealdade será reservada a mim.  
— Você tem a minha palavra — ele me deu um beijo na boca, e precisei reunir todas as minhas forças para não acabar engasgando. (Johnson, 2022, p. 141)

Esse ideal proposto por Hartman (2025) não somente se direciona às raízes do capitalismo no processo escravista, mas também expõe como as dinâmicas sexuais estavam entrelaçadas à manutenção da ordem social e familiar branca: a mulher escrava, ao ser reduzida a objeto sexual, representava uma ameaça à estabilidade da família legítima, já que a relação forçada entre senhores e cativas colocava em evidência a fragilidade dos “laços sagrados” sustentados pela moral cristã. No entanto, a própria Igreja, ao restringir o sexo conjugal à procriação, contribuiu para a naturalização do uso das mulheres negras como fonte de prazer contínuo, estabelecendo uma contradição que legitimava, de forma velada, a infidelidade dos maridos e consolidava a exploração sexual como prática estrutural da escravidão.

Em “Pheby”, a figura de Ruth se caracteriza como “ponto-chave” dessa contradição entre moral cristã e processo escravagista: ao ter se relacionado com Mestre Jacob e ter concebido Pheby através desse relacionamento, a personagem acolhe a ideia de ser reduzida a objeto sexual em vias de manutenção de uma relação de interesse, uma vez que é através desse relacionamento e de sua objetificação que a personagem poderia garantir a liberdade da protagonista.

O vento fustigava a plantação, provocando arrepios nos meus braços, o que me fez pensar em voltar para a casa de costura, mas então me lembrei da única vez que interrompi uma das visitas do Mestre e me deparei com Mama deitada na cama, com seu vestido levantado, enquanto as calças do Mestre estavam enroladas em volta dos tornozelos dele. Sua bunda branca e pálida se mexia para frente e para trás, e ele

uivava como um animal machucado — um som que permaneceu na minha cabeça por meses. Mama, naquela noite, percebeu que eu estava paralisada no alto da escada. Ela arregalou os olhos e, murmurando, me mandou embora, o que eu fiz. Quando finalmente voltei para a casa de costura mais tarde, Mama me esperava com uma tigela de sopa de ervilha.

— Uma escrava num tem lá muita escolha. Só fique sabendo que tudo o que eu faço é por você. Vou morrer escrava. Sei disso. Mas você, minha criança, você nasceu pra conhecer a liberdade. É o que eu tô fazeno acontecer. (Johnson, 2022, p. 28-29)

Ademais, sua relação com Delphina (sua senhora de escravos) reforça ainda mais essa contradição, uma vez que a presença de Ruth ao lado do Mestre Jacob desperta na esposa branca sentimentos de ciúme e hostilidade. Esse ressentimento não é apenas fruto da traição conjugal, mas também da percepção de que a escrava ocupa, ainda que de forma marginalizada e subordinada, um espaço dentro da estrutura familiar branca, ameaçando a suposta estabilidade do lar através da visão capitalista de propriedade escrava.

A senhora ralhou comigo por tanto tempo que comecei a afundar sob o peso das suas agressões.

— Você é uma vergonha até mesmo para uma escrava. Você é uma prostituta miserável, igual à sua mãe — a Sra. Delphina gritou e disparou para me dar um tapa, mas eu consegui segurar sua mão no ar e tentei esmagar seus dedos. Ela me olhou horrorizada, e seu horror me encheu de coragem. (Johnson, 2022, p. 70-71)

As reflexões de Spillers (1987) possibilitam ampliar a compreensão acerca da violência exercida contra as mulheres negras escravizadas ao demonstrar que estas não eram apenas vítimas do estupro enquanto violação íntima, mas também alvo de uma política de extermínio que visava aniquilar corpo e subjetividade frente às razões ideológicas da supremacia branca. Conforme Spillers (1987),

...o sujeito feminino africano, nessas condições históricas, não é apenas alvo de estupro — em um sentido, uma violação interiorizada do corpo e da mente —, mas também alvo de uma política de extermínio. “história” querer “esquecer”, ou não ter percebido, que o sujeito feminino africano, nessas condições históricas, não é apenas alvo de estupro — em um sentido, uma violação interiorizada do corpo e da mente —, mas também tema de atos especificamente externalizados de tortura e prostração que imaginamos como domínio peculiar da brutalidade masculina e da tortura infligida por outros homens. (Spillers, 1987, p. 68, tradução nossa)<sup>4</sup>

Em *Pheby*, essa dimensão é perceptível tanto na trajetória de Ruth quanto na de Pheby: ambas não apenas sofrem com a marca da exploração sexual, mas também com mecanismos de

---

<sup>4</sup> Texto original: “that the African female subject, under these historic conditions, is not only the target of rape – in one sense, na interiorized violation of body and mind – but also the topic of specifically externalized acts of torture and prostration that we imagine as the peculiar province of male brutality and torture inflicted by other males.”

controle que as submetem a torturas físicas e emocionais, destinadas a fragilizá-las e reduzi-las à prostração. O abuso sexual, nesse sentido, deixa de ser um ato isolado de violência para se configurar como parte de uma engrenagem de dominação, em que a integridade corporal e psíquica das mulheres negras é sistematicamente atacada, reforçando a lógica do extermínio simbólico e social a que Spillers (1987) se refere.

Nesse sentido, Johnson (2022) evidencia, através da personagem Ruth, o peso da objetificação sexual da mulher negra como eixo de uma dinâmica social em que o corpo da escrava se torna simultaneamente instrumento de prazer do senhor, bem como alvo da violência da senhora e moeda de barganha para a sobrevivência de seus descendentes através da dinâmica direcionada pelo modelo capitalista vigente.

#### 4. O CORPO MASCULINO NEGRO: objeto de poder e de desejo

Em Johnson (2022) a narrativa que gira em torno do ódio nutrido por Delphina em relação a Ruth e que se estende à sua filha, Pheby, revela ao leitor acerca de como o ressentimento das senhoras brancas, diante das relações extraconjugais de seus maridos com mulheres negras escravizadas, perpetuava em novas formas de violência. A hostilidade de Delphina, dessa forma, não se restringe apenas às agressões físicas e simbólicas contra Pheby, mas ganha contornos ainda mais perversos ao atingir aqueles que a cercam.

É nesse contexto que a figura de Essex Henry, homem negro escravo, bem como companheiro da protagonista, torna-se alvo direto da perversidade de Delphina, que, em um gesto de ódio e poder, passa a objetificá-lo sexualmente, reduzindo-o à condição de corpo explorável, em uma repetição cruel da lógica que marcou toda a estrutura escravista vigente, que não somente subestimava à exploração o sexo feminino, como também o corpo masculino.

Ele hesitou e então disse:

— A Sra. Delphina. Ela está... me forçando a...

— Forçando? Forçando a quê?

— A me deitar com ela. Do mesmo jeito que ela se deita com o marido dela.

O quarto começou a girar e minha cabeça pareceu pesada em cima do meu pescoço.

O bordado escorregou do meu colo e caiu no chão.

— O que você está dizendo?

— Eu não queria. Você precisa acreditar em mim.

— Uma mulher branca? A esposa do Mestre?

— Ela me obrigou, Pheby. Disse que o Mestre passava tanto tempo com a crioula dele que ela queria um crioulo também. (Johnson, 2022, p. 43)

O trecho acima se encaixa como ponto central da narrativa que instiga a discussão da violência sexual contra o homem negro escravizado, tema muitas vezes silenciado na

historiografia e até mesmo na literatura sobre a escravidão: a cena revela o momento em que Essex confessa a Pheby ter sido forçado por Delphina, esposa de Mestre Jacob, a manter relações sexuais com ela, tanto pelas questões carnisais, quanto como vingança ao marido, que mantinha um relacionamento às escondidas com Ruth Brown, que se submetia ao relacionamento na intenção de prover a liberdade da filha. Por não se encontrar satisfeita em demonstrar todo o ódio por Pheby, esta utiliza a figura de alguém que ela ama para magoá-la ainda mais.

Dessa forma, no contexto escravagista, é perceptível que a hiperssexualização do corpo negro não é restrito somente ao gênero feminino: o corpo masculino também foi hiperssexualizado, bem como foi acometido por uma dupla violência: de um lado, reforçava a imagem de força bruta, destinada ao trabalho árduo e à submissão; de outro, legitimava a vigilância e o controle sobre sua masculinidade, constantemente ameaçada por práticas de abusos simbólicos e físicos, que iam da negação da paternidade até relações sexuais não consentidas.

Essa condição, descrita por Fanon (2008) como resultado de um olhar colonial que animaliza e erotiza o homem negro desde o princípio da vida ao rotular a raça como um objeto, revela a forma como a escravidão negra operava de maneira abrangente, capturando corpos negros dentro de um sistema de dominação que exploravam tanto a sexualidade quanto a força vital dos sujeitos escravizados, através dos ideais de supremacia branca.

Cheguei ao mundo pretendendo descobrir um sentido nas coisas, [...] e eis que me descubro objeto em meio a outros objetos. Enclausurado nesta objetividade esmagadora, implorei ao outro. [...] Mas, no novo mundo, logo me choquei com a outra vertente, e o outro, através de gestos, atitudes, olhares, fixou-me como se fixa uma solução com um estabilizador. (Fanon, 2008, p. 103)

É nesse contexto que Johnson (2022) também expõe um aspecto que Tommy J. Curry (2017) direciona suas teorias aos ideais de invisibilidade da violência sexual contra homens negros, ao mostrar que eles também foram alvos de coerção, exploração e abuso sexual forçados: o corpo masculino, além de reduzido à força de trabalho, tornava-se disponível ao desejo de senhoras brancas, reforçando o estatuto do homem negro como “não-homem” (*man-not*), aspecto negado desde os princípios de sua humanidade, corroborando, assim, com os ideais expostos em Fanon (2008).

Quando um garoto negro é estuprado, seu estupro é excepcionalmente desconcertante porque o estupro é visto como pertencente ao corpo feminino e considerado impossível, muito menos real, quando relacionado ao corpo masculino em geral e,

especificamente, ao corpo masculino negro. [...] Negar o estupro de homens negros, sua agressão sexual às mãos de homens e mulheres brancos, é produto da moldura heterossexual da escravidão, uma negação que afirma que os homens brancos eram os estupradores e que as mulheres negras eram suas únicas vítimas. (Curry, 2017, p. 151-152, tradução nossa)<sup>5</sup>

O caso de Willie McGee, contextualizado em Curry (2017), revela a contradição central do regime racial-sexual vivenciado pelo negro no contexto norte-americano: mesmo quando um homem negro era coagido por uma mulher branca, sua condição de vítima não podia ser reconhecida, já que a feminilidade branca estava legalmente pautada nos ideais de inocência. Nesse sentido, em comparativo com a experiência de Essex Henry, esta só poderia encontrar escuta e sensibilidade através de outro negro, pois nenhum branco estaria disposto a admitir a possibilidade de que uma mulher branca o abusasse sexualmente.

...mesmo quando um homem negro é coagido a ter relações sexuais com uma mulher branca, ele é incapaz de ser reconhecido como vítima de estupro e violência sexual. Esse é apenas um dos muitos tipos de vulnerabilidade sexual que homens negros sofreram nas mãos de mulheres brancas... (Curry, 2017, p. 96, tradução nossa)<sup>6</sup>

Como se observa em Curry (2017), o estupro de um homem negro causa estranhamento, uma vez que o ato é culturalmente atribuído apenas ao corpo feminino, tornando “impossível” sua ocorrência no corpo masculino. Assim, tanto no caso de McGee quanto na reflexão de Curry (2017), em paralelo à realidade de Essex Henry narrada por Johnson (2022), é evidente uma negação acerca da vulnerabilidade sexual do homem negro, invisibilizada pela lógica heterossexual branca da escravidão.

Nesse viés, a violência sofrida por Essex Henry não se restringe ao ideal de hiperssexualização do corpo masculino negro, uma vez que, mesmo que essa construção explique o fenômeno vivenciado pela personagem, ela não esgota a complexidade a qual este se encontra submetido. É através da teoria do *man-not*, proposto por Curry (2017), que o aporte teórico é solidificado. Conforme o teórico,

Os homens se tornaram não-humanos-como-não-homens e as fêmeas colonizadas se tornaram não-humanas-como-não-mulheres. O homem negro, privado não apenas de uma identidade, mas também de uma história e existência que difere de sua negação

<sup>5</sup> Texto original: ““When a Black boy is raped, his rape is exceptionally confounding because rape is thought to be the province of the female body and thought not to be possible, much less actual, when related to the male body generally and to the Black male body specifically. [...] Denying the rape of Black men, their sexual assault at the hands of white men and women, is a product of the heterossexual framing of slavery, a denial that asserts that white men were the rapists and Black women were their only victims.”

<sup>6</sup> Texto original: “...when a Black man is coerced into sex with a white woman, he is incapable of being recognized as a victim of rape and sexual violence. This is just one of the many sexual vulnerabilities Black men endured at the hands of white women...”

bruta, experimenta o mundo como um Não-Homem.

O Não-Homem é a negação não apenas da masculinidade negra, mas também da possibilidade de ser qualquer coisa além de animal, a besta selvagem, fora dos relatos civilizacionais de gênero. (Curry, 2017, p. 6, tradução nossa)<sup>7</sup>

Curry (2017) sustenta a tese de que o homem negro não está inserido nos ideais ocidentais do conceito de masculinidade, não sendo visto como uma figura de respeito e autoridade, que são reservadas ao homem branco, mas sim, este é visto como um não-homem, sendo passível das possíveis explorações contextualizadas pela escravidão, bem como do questionamento de sua própria sexualidade.

É nesse contexto que a personagem Essex Henry se encaixa nos ideais de Curry (2017): o abuso sexual promovido por Delphina não deve somente ser interpretado por um desejo hiperssexualizante, mas por estar encaixado em um ideal de corpo disponível, incapaz de recusar e até mesmo denunciar, uma vez que, diferente deste, o ideal de mulher branca e sua posição social não a reconhecem como sujeito de violência sexual, diferente de Essex, visto como força bruta e corpo disponível.

A cena retratada também articula o ódio de Delphina acerca da superioridade de Pheby quanto a outras escravas, por ser uma garota mestiça e filha do dono de terras: seu ciúme do marido leva-a a projetar sua frustração em Essex, utilizando o corpo dele como instrumento de vingança. Não se trata de afeto ou desejo individual, mas da instrumentalização do corpo negro como propriedade, disponível para satisfazer caprichos de poder e dominação.

Em síntese, o processo de silenciamento diante do abuso sexual sofrido por Essex Henry, ao se interligar com os ideais propostos por Kilomba (2019), possibilitam melhor direcionamento acerca da temática na realidade: o corpo negro masculino, quando violentado, não encontra espaço de escuta e reconhecimento, pois a lógica colonial e racista insiste em naturalizar sua força e negar sua vulnerabilidade.

Tais comentários funcionam como uma máscara que silencia nossas vozes assim que falamos. Eles permitem que o sujeito branco posicione nossos discursos de volta nas margens, como conhecimento desviante, enquanto seus discursos se conservam no centro, como a norma. Quando elas/eles falam é científico, quando nós falamos é acientífico. (Kilomba, 2019, p. 51-52)

Kilomba (2019) ilustra, portanto, que o processo vivenciado pelos personagens que compõem Pheby não se trata de questões de cunho individual, mas sim, estrutural, uma vez que

---

<sup>7</sup> Texto original: “Males became not-human-as-not-men and colonized females became not-human-as-not-women. The Black man, deprived not only of an identity but also a history and existence that differs from his brute negation, experiences the world as a Man-Not”

este se opera através da negação da fala do sujeito negro e pela transformação de sua experiência em algo supostamente ilegítimo, até mesmo irracional e não científico, culminando em uma herança histórica controladora através da supremacia ideológica branca.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O narrador de Johnson (2022) em *Pheby*, através da construção de uma ficção histórica pautada em retratar o processo escravagista no século XIX, reafirma o corpo negro como lócus constante de exploração e violência, bem como sente a necessidade de construir, dessa forma, ideais de resistência. Através da análise das personagens Pheby, Ruth Brown e Essex Henry, é compreensível como a escravidão operava como um sistema não apenas econômico, como também um projeto de desumanização direcionado aos gêneros e sexualidades negras, ao rotular o corpo negro como mera mercadoria e propriedade branca.

Através dos postulados de Kilomba (2019), que considera que o racismo alinhado ao processo escravagista não restringe a composição subjetiva do indivíduo negro somente a eventos ancestrais e passados, mas também em um processo contínuo, alinha-se a obra *Pheby* em uma dimensão em que o corpo de cada personagem é moldado através dos atos de violência vividos no contexto histórico direcionado, encaixando-se, portanto, como arquivos da brutalidade através da supremacia branca frente ao movimento racista.

É nesse contexto, portanto, que a literatura de Johnson (2022), bem como a literatura negra, seja esta contemporânea ou não, assumem um papel de reinscrição e exposição de sentidos para os corpos negros objetificados ao dar voz a personagens verossímeis a realidade não somente norte-americana, como também mundial, uma vez que a objetificação dos corpos negros frente ao contexto da escravidão encaixou-se como um sistema globalizado, o que possibilita transformar estes personagens e símbolos de memória coletiva através da constante provocação da reflexão acerca das permanências cíclicas entre passado e presente, em confronto com a permanência do racismo na atualidade.

## 6. REFERÊNCIAS:

BUTLER, J. **Performative Acts and Gender Constitution**: An Essay in Phenomenology and Feminist Theory. *Theatre Journal*, 1988, 519-531.

CURRY, Tommy J. **The Man-Not**: Race, class, genre and the dilemmas of manhood. Philadelphia, PA: Temple University Press, 2017, 306 pp.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São

Paulo: Boitempo, 2016.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

HARTMAN, Saidiya. **Cenas da sujeição**: terror, escravidão e criação de si na América do século 19. Tradução: Fernanda Silva e Sousa; Marcelo R. S. Ribeiro. São Paulo: Fósforo, 2025. E-book. Disponível em:  
<https://pt.scribd.com/document/861346710/Cenas-da-sujeic-a-o-Saidiya-Hartman>.  
Acesso em 10 nov. 2025.

JOHNSON, Sadeqa. **Pheby**. Porto Alegre: Dublinense, 2022.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019, 244 p.

Spillers, H. J. (1987). Mama's Baby, Papa's Maybe: An American Grammar Book. **Diacritics**, 17(2), 64–81.